

fício e pela dedicação, se redimem entes amados ou a alma gemea da sua, exilados nos caminhos expiatórios. Numerosos espíritos recebem de Jesus a permissão para esse gênero de esforços santificantes, porquanto, nessa tarefa, os que se fazem eunucos pelos reinos do céu precipitam os processos de redenção do ser ou dos seres amados, submersos nas provas e, simultaneamente, pela sua condição de evolvidos, podem ser mais facilmente transformados, na Terra, em instrumentos da verdade e do bem, redundando o seu trabalho em benefícios inestimáveis para os entes queridos, para a coletividade e para si próprios.

PERDÃO

332. — *Perdoar e não perdoar significa absolver e condenar?*

— Nas mais expressivas lições de Jesus, não existem, propriamente, as condenações implícitas ao sofrimento eterno, como quiseram os inventores de um inferno mitológico.

Os ensinamentos evangélicos referem-se ao perdão ou à ausência dele.

Que se faz ao mau devedor a quem já se tolerou muitas vezes? Não havendo mais solução para as dívidas que se multiplicam, esse homem é obrigado a pagar.

É o que se verifica com as almas humanas, cujos débitos, no tribunal da justiça divina, são resgatados nas reencarnações, de cujo círculo vicioso poderão afastar-se, cedo ou tarde, pelo esforço no trabalho e boa vontade no pagamento.

333. — *Na lei divina, há perdão sem arrependimento?*

— A lei divina é uma só, isto é, a do amor que abranje todas as cousas e todas as criaturas do universo ilimitado.

A concessão paternal de Deus, no que se refere à reencarnação, para a sagrada oportunidade de uma nova experiência, já significa, em si, o perdão ou a magnanimidade da Lei. Todavia, essa oportunidade só é concedida quando o espírito deseja regenerar-se e renovar seus valores íntimos pelo esforço nos trabalhos santificantes.

Eis porque a boa vontade de cada um é sempre o arrependimento que a Providência Divina aproveita em favor do aperfeiçoamento individual e coletivo, na marcha dos seres para as culminâncias da evolução espiritual.

334. — *Antes de perdoarmos a alguém, é conveniente o esclarecimento do erro?*

— Quem perdoa sinceramente, fá-lo sem condições e olvida a falta no mais íntimo do coração; todavia, a boa palavra é sempre útil e a ponderação fraterna é sempre um elemento de luz, clarificando o caminho das almas.

335. — *Quando alguém perdoa, deverá mostrar a superioridade de seus sentimentos para que o culpado seja induzido a arrepender-se da falta cometida?*

— O perdão sincero é filho espontâneo do amor e, como tal, não exige reconhecimento de qualquer natureza.

336. — *O culpado arrependido pôde receber da justiça divina o direito de não passar por determinadas provas?*

— A oportunidade de resgatar a culpa já constitui, em si mesma, um ato de misericórdia divina e daí o considerarmos o trabalho e o esforço próprio como a luz maravilhosa da vida.

Estendendo, todavia, a questão à generalidade das provas, devemos concluir ainda, com o ensinamento de Jesus, que “o amor cobre a multidão dos pecados”, traçando a linha reta da vida para as criaturas e represen-

tando a única força que anula as exigências da Lei de Talião, dentro do universo infinito.

337. — *“Concilia-te depressa com o teu adversário”. — Essa é a palavra do Evangelho, mas se o adversário não estiver de acordo com o bom desejo de fraternidade, como efetuar semelhante conciliação?*

— Cumpra cada qual o seu dever evangélico, buscando o adversário para a reconciliação precisa, olvidando a ofensa recebida. Perseverando a atitude rancorosa daquele, seja a questão esquecida pela fraternidade sincera, porque o propósito de represalia, em si mesmo, já constitui uma chaga viva para quantos o conservam no coração.

338. — *“Por que teria Jesus aconselhado perdoar ‘setenta vezes sete vezes’?”*

— A Terra é um plano de experiências e resgates por vezes bastante penosos, e aquele que se sintia ofendido por alguém, não deve esquecer que ele próprio pôde também errar setenta vezes sete.

339. — *“Em se falando de perdão, poderemos ser esclarecidos quanto à natureza do odio?”*

— O odio pôde traduzir-se nas chamadas aversões instintivas, dentro das quais ha muito de animalidade, que cada homem alijará de si, com os valores da auto-educação, afim-de que o seu entendimento seja elevado á uma condição superior.

Todavia, na maior parte das vezes, o odio é o germe do amor que foi sufocado e desvirtuado por um coração sem Evangelho. As grandes expressões afetivas convertidas nas paixões desorientadas, sem uma compreensão legítima do amor sublime, incendeiam-se no íntimo, por vezes, no instante das tempestades morais da vida, deixando atrás de si as expressões amargas do odio, como carvões que enegrecem a alma.

Só a evangelização do homem espiritual poderá conduzir as criaturas a um plano superior de compreen-

são, de modo que jamais as energias afetivas se convertam em forças destruidoras do coração.

340. — *“Perdão e esquecimento devem significar a mesma cousa?”*

— Para a convenção do mundo, o perdão significa renunciar á vingança, sem que o ofendido precise olvidar plenamente a falta do seu irmão; todavia, para o espírito evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos, embora prevaleça para todos os instantes da existencia a necessidade de oração e vigilância.

Aliás, a propria lei da reencarnação nos ensina que só o esquecimento do passado pôde preparar a alvorada da redenção.

341. — *“Os espíritos de nossa convivência na Terra, que partem para o Além sem experimentar a luz do perdão, podem sofrer com as nossas opiniões acusatorias, relativamente aos atos de sua vida?”*

— A entidade desencarnada muito sofre com o juízo ingrato ou precipitado que, a seu respeito, se formula no mundo.

Imaginaí-vos recebendo o julgamento de um irmão de humanidade e avaliai como desejaríeis a lembrança daquilo que possuíis de bom, afim-de que o mal não prevaleça em vossa estrada, sufocando-vos as melhores esperanças de regeneração.

Em lembrando aquele que vos precedeu no túmulo, tende compaixão dos que erraram e sêde fraternos.

Rememorar o bem é dar vida á felicidade. Esquecer o erro é exterminar o mal. Além de tudo, não devemos esquecer que seremos julgados pela mesma medida com que julgarmos.

FRATERNIDADE

349. — *“A resposta de Jesus aos seus discípulos — ‘Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos’, é um incitamento á edificação da fraternidade universal?”*